

## ESPERANÇAR: MOVIMENTOS INSTITUINTES EM TEMPOS DE RECONSTRUÇÃO

Dagmar Mello  
Erika Leme  
Nazareth Salutto  
Rejany Dominick  
Walcea Barreto

Ao darmos início a essa escrita, em novembro de 2021, fomos interpeladas pela triste notícia de que a Professora Maria Felisberta Baptista da Trindade havia falecido. Inevitável, para nós, conduzirmos essa escrita, sem promovermos um encontro entre Felisberta e Paulo Freire.

Para quem não a conheceu, a Professora Felisberta foi e sempre será uma referência na educação pública da cidade de Niterói. Foi responsável pela formação, não só profissional de estudantes de Pedagogia da Faculdade de Educação de nossa Universidade, mas, principalmente, humana; de todos e todas que tiveram o privilégio de terem suas vidas atravessadas pela força imensurável que sua presença se fazia em suas vidas!

Pessoas como Freire e Felisberta produzem presenças no mundo por seus modos de nos afetar com suas existências. Ainda há pouco, em conversa para produzirmos essa escrita, estávamos a buscar palavras que dessem conta de expressar a intensidade dessas presenças, foi quando nos demos conta de que as palavras reduzidas em seus conteúdos são ineficazes, não produzem efeito de presença. A não ser que apelemos para uma “Didática da Invenção” como nos aconselha o poeta Manoel de Barros ao nos mostrar como “apalpar as intimidades do mundo”<sup>1</sup>. Há que se habitar, portanto, o vazio das palavras, lá onde o nome deixa de ter importância e o significado se abre para compreendermos que a morte não pode findar uma vida cuja presença insistirá eternamente...

É por esses e tantos outros inumeráveis motivos que abrimos o editorial prestando reverência a uma Educadora que soube fazer jus ao legado de Paulo Freire.

---

<sup>1</sup> BARROS, Manoel. **O livro das ignoranças**. 13 ed<sup>a</sup>. Rio de Janeiro: Record, 2007.

Um legado que nos faz esperar no amor e na liberdade que só se faz em comunhão, entender que só se ensina e se aprende na boniteza e na alegria de viver, pois se assim não for, a educação se consome em necrofilia. Palavras de tamanha simplicidade, mas que produzem tremores àqueles que conseguem entender seus efeitos na superfície da pele.

Freire foi um educador que soube poetizar o ato de Educar. E só aqueles que sabem fazer poesia daquilo que há de mais ínfimo para os arrogantes, compreendem porque não precisamos de armas para resistir e lutar, pois a arte basta para nos salvar e nos mantermos de pé diante das formas do fascismo que tentam nos assolar. Mas, como diria um outro poeta - Mário Quintana: “Eles passarão...”<sup>2</sup>. E nós..., que reafirmamos o pensamento de Freire<sup>3</sup> de que “a educação é um ato de amor, por isso um ato de coragem...”; nós passarinho... Freire passarinho... Felisberta Passarinho...!!!!

Assim como passarinhos são os/as autores que nos brindaram com sua rica produção, a começar pela nossa autora convidada, a professora Madalena Freire, que proferiu a Aula Magna da Faculdade de Educação da UFF, do primeiro semestre letivo de 2021. Esta foi organizada pela passarinhada da Pós-Graduação, Graduação e pelo Festival Paulo Freire: 100 anos de luta de esperança.

No Dossiê Temático, a passarinhada cantou! Cantou e encantou as diferentes facetas filosóficas, dialógicas e epistêmicas de Paulo Freire por meio de narrativas de formação, questões étnico-raciais e gestão democrática. A dialogicidade e autonomia freireanas orientaram as escritas de práticas educacionais que aconteceram em diferentes modalidades e disciplinas dos diversos níveis de educação e ensino.

Sobrevoamos duas Experiências instituintes. Em uma delas, o tema da radioatividade, que analisa o impacto da estratégia de júri simulado no processo de formação de estudantes do Ensino Médio para a construção de argumentação e pensamento crítico. O segundo texto se reveste de caráter insurgente ao focar a análise das práticas didáticas efetivadas a partir das urgências e emergências

---

<sup>2</sup> QUINTANA, Mario. **Mario Quintana**: poesia completa: (Org. Tânia Franco Carvalhal). Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005.

<sup>3</sup> FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 23ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

percebidas no diálogo com estudantes de escola na Zona Oeste do Rio de Janeiro. Destaca a Educação Musical como elemento potencializador da escola democrática.

As produções de *Pulsações e Questões* contemporâneas sobrevoam temáticas sobre as infâncias tais como: o direito à creche; a construção da compreensão do direito à cidade e à vida digna, ambos com foco na cidade de São Gonçalo-RJ; a formação da professora Maria Guilhermina Loureiro de Andrade, educadora e estudiosa dos jardins de infância. O texto literário “Quarto de Despejo” é abordado como fonte histórica e de reflexão crítica sobre os direitos sociais no âmbito da Educação de Jovens e Adultos. Encerra-se esse número com um artigo que apresenta levantamento bibliográfico, em bases de indexação, acerca da gestão do conhecimento no contexto da COVID-19.

Concluimos essa revoada em um tempo de despedidas de mais um importante pensador-poeta-escrevinhador da cultura brasileira e do esperar. Impulsionando nossa perspectiva instituinte trazemos "AS PONTES SÃO COMO PÁSSAROS"<sup>4</sup>, de Thiago de Mello, que nos deixou no último dia 14 de janeiro de 2022. A ele agradecemos o legado em poesia a inspirar os constantes voos que nos permitem criar pontes entre o mundo atual e o que desejamos construir.

Como nasce um vôo de pássaro,  
súbito e simples  
(ninguém - talvez nem o próprio pássaro  
- sabe jamais em que instante vai se erguer),  
nascem também as pontes do coração  
entre as criaturas humanas.  
Nem sabem que vão nascer.

Pontes que são como os vôos  
dos grandes pássaros belos,  
são como os vôos das águias,  
que certeiras e alto voam.  
Perenes de sortilégios,  
são como o vôo sereno  
do condor pastando alturas.

---

<sup>4</sup>Disponível em: MELLO, Tiago. De Uma Vez Por Todas. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2003.

Também são como o dos suaves passarinhos,  
em peleja pelo pão de cada dia;  
vôo alegre e cristalino das asas  
amanhecendo.

Antes de tudo essas pontes  
são como os vôos que chegam.  
Chegam sempre.

Ainda que algumas se façam tardas,  
jamais se fazem retardatárias.  
Não sofrem de tempo as coisas  
nascidas do coração.

Nascem as pontes e se alçam,  
certeiras de seus destinos  
como as águias de seus rumos  
- e se vão, levando alvuras,  
aconchegos, mansidões:  
pontes de amor sobre um mundo  
já quase alheio a milagres,  
como um vôo de alvas asas  
contra o azul já anoitecendo.

Por mais que muitas desabem  
(acaso por desamadas),  
embora tantas se calem  
(talvez porque recusadas)  
mesmo que muitas se percam  
depois de perdido o pouso,  
- nenhuma ponte de amor  
se estende jamais em vão.

Pois algo sempre perdura  
de tudo a que ela deu rumo:  
seja um resto de recado,  
um fragmento de canção,  
leve lembrança de alvura,  
ou seja apenas a sombra  
de uma ternura. Pois algo

das pontes - feitas de infância  
e de amor - sempre perdura.

Como contra o sol, o vôo  
de um pássaro cuja sombra  
se projeta e vai cavando,  
bem de suave, um rastro eterno,  
no manso verde do mar.